"GUARAMIRANGA"

ANTONIO PATRICIO RIBEIRO

A louvável providência governamental no sentido de incentivar o turismo no Nordeste, ensejou a que nossa imprensa escrita e falada passasse a se ocupar do assunto, apresentando sugestões quanto aos pontos do Estado — que, por possuirem características próprias consideradas atração turística, viriam a constituir o roteiro de nossos futuros visitantes.

Foram citadas as praias, algumas de inusitada beleza, e as serras de Baturité e Ibiapaba, aquela de topografia acidentada, e esta assemelhando-se a um altiplano.

A pitoresca e poética cidade de Guaramiranga, situada no ponto mais elevado da serra de Baturité, a quase 900 metros de altitude, e distante de Fortaleza somente 118km, destes, sendo 100 pavimentados de asfalto e o restante de pedra, tem sido, com muita justiça, um dos alvos indicados.

Em nenhum outro ponto do país, quiçá do mundo, se encontra clima mais ameno e saudável, e cuja temperatura passe por tão reduzidas variações, durante o ano. O termômetro registra, ordinariamente, a mínima de 16° e a máxima de 24°, à sombra. Excepcionalmente, a mínima chega a 13° pela madrugada, ou ao anoitecer, e a máxima a 28°, esta, ocasionalmente, nas épocas de longa estiagem.

Aquela pequena urbe serrana foi em tempos idos, ponto favorito de veraneio. Para ali afluiam, anualmente, inúmeros veranistas, ordinariamente, procedentes do Amazonas, Pará e Maranhão e, até mesmo, de Estados do Sul, a despeito das precárias condições dos meios de comunicação e do desconforto que ofereciam os hotéis.

Entre outras figuras de destaque que escolheram para vilegiatura a amenidade de seu clima e a paisagem tranquilizante e encantadora da Serra, registra a tradição os nomes do cientista Freire Alemão que, enlevado pela amenidade do clima, classificou-o de "eterna primavera"; o Conselheiro Lafayette, do Império, o abolicionista José do Patrocínio, o General Marciano Botelho de Magalhães, irmão de Benjamin Constant, o filósofo Farias Brito que, por sinal, casou-se com moça da terra, os acadêmicos Humberto de Campos e Gustavo Barroso.

A fase áurea do cultivo do café na serra de Baturité, que se operou na segunda metade do século passado, proporcionou àquela nascente vila serrana extraordinário surto de progresso, reflexo de enriquecimento dos donos de sítios que desse modo constituiram verdadeira aristocracia rural, nos moldes da que se formou em Pernambuco, oriunda do cultivo da cana-de-açucar, em idêntico estágio de prosperidade.

Surgiram, então, as vastas mansões, mobiliadas com cadeiras austríacas, consolos com tampo de mármore, cômodas com lavores, castiçais e espelhos de cristal, candeeiros com quebraluz, pendentes do teto, pianos, etc. Tudo isto era levado do ponto terminal da estrada de ferro, inicialmente a estação de Canôa, hoje Aracoiaba, e posteriormente, a de Baturité, até o cimo da montanha, por trabalhadores braçais, ou em costa de animal, através de íngreme, estreita e sinuosa vereda, o que é de pasmar. Com raras exceções, a decoração das residências era completada com palmeiras imperiais plantadas à frente da fachada.

A sociedade requintou-se. Nas partidas (bailes) e saráus, era observada a mesma etiqueta admitida nessas ocasiões, nos centros mais adiantados do país.

Como era natural, este estado de cousa teve seu reflexo na vida política partidária local, e tanto assim foi, que o Principe Imperial, conde D'Eu, em sua excursão política ao Nordeste, estendeu-a à Guaramiranga, onde pernoitou após haver sido homenageado com lauto banquete no sítio Pau do Alho, em Pacoti, residência do Cel. Epifânio Ferreira Lima, uma das mais belas mansões da serra, cuja arquitetura lembrava casas de velhas cidades de Minas Gerais. Infelizmente, este histórico e belo casarão não resistiu as inclemências do tempo: ruiu.

Há dois episódios dignos de registro ocorridos com Sua Alteza, nessa sua estada em Guaramiranga.

A viagem até Baturité foi feita em carro especial da então Estrada de Ferro de Baturité, e daí até o sítio Brejo, já no alto da serra, em Cabriolé, pois, a estrada fora recentemente construída, como parte das obras de socorro aos flagelados da "Sêca dos Três Oito", permitindo, francamente, a utilização daquele meio de transporte. No sítio Brejo, aguardava o Imperial visitante, luzida comitiva cavalgando belos e bem ajaezados corcéis, bem como os cavalos em que deveria prosseguir a viagem, juntamente com seus acompanhantes. De Guaramiranga partiu outra comitiva ao encontro do Conde. Ao meio do caminho um dos componentes lançou a idéia de disputarem a honra de ser o primeiro a saudar o nobre visitante. Participava da comitiva o Capitão Temóteo Ferreira Lima, homem vibrátil, temperamental, tido e havido como o melhor cavaleiro da

serra. Montava ele uma burra, animal de que se utilizava preferentemente para sua montaria. O trecho da estrada que demanda a cidade, partindo do sítio Brejo, por ser muito íngreme, foi dividido em socalcos, em zigue-zagues, a fim de tornar menos estafante o acesso ao cimo da escarpa.

Quando a caravana que procedia da cidade atingiu os primeiros socalcos, avistou a que vinha subindo, destacando-se à frente, visivelmente, a figura do Conde. Todos se apressaram em tomar a dianteira, visando cada um a honra de ser o primeiro a cumprimentá-lo. O Capitão Temóteo, não logrando avançar também, impedido que foi pelos outros cavaleiros, que tolhiam os passos de sua montaria, ao notar que o Conde se aproximava do socalco que ficava logo abaixo do em que ele se encontrava, esporeou a burra forçando-a a saltar bem à sua frente, façanha que lhe conferiu a primasia de ser o primeiro a saudá-lo, o que o fez com entusiasmo, de chapéu à mão. O Conde D'Eu surpreendido com o que via, tomado de admiração, retribuiu a saudação e virando-se para uma das pessoas que o acompanhavam mais de perto, disse: "este é um dos meus"... Após o banquete, sua Alteza, retornou à Guaramiranga, dirigindo-se ao sítio Cafundó, da família Caracas, onde pernoitou. Conta-se que foi sugestão sua a mudança da denominação "Cafundó" para Venezuela.

Naqueles recuados tempos desconhecia-se o uso de banheiro em casa, a não ser os rudimentares "banhos de cuia", usados excepcionalmente. Utilizavam-se, comumente, o açude, o riacho, ou quedas d'água, providos de tôsco abrigo, vedado com tapume de galhos secos ou folhas de palmeira.

Pela manhã do dia em que deveria retornar à capital, sua Alteza manifestou desejo de tomar banho. O fato gerou certo embaraço, mas a dona da casa, mulher inteligente e de espírito prático, resolveu o impasse do seguinte modo: em um quarto situado mais para os fundos da casa, um preto, escravo liberto, trepado em um caixão e servindo-se de ancoretas (pequenos barris) improvisou o banheiro de que o augusto hóspede se utilizou para reconfortante banho.

Guaramiranga jaz hoje na mais deplorável e melancólica decadência, financeira e social.

A cultura do café, por ser deficitária em virtude da baixa produção, pois estava correspondendo a 1/10 da obtida por unidade, em São Paulo e Paraná, desencorajou os proprietários. Estes derivaram suas atividades para a fruticultura e horticultura, mas não encontraram resultados compensadores. Talvez, como subsidiárias ou acessórias à cultura do café, proporcionassem resultados diversos. A malfadada providência do governo, promovendo e incenti-

vando a erradicação dos cafeeiros, sem a concomitante replanta pelos métodos racionais e modernos, contribuiu para a derrocada final da economia da Serra de Baturité e principalmente da do município de Guaramiranga, onde os efeitos desastrosos são mais evidentes.

Da alviçareira nova trazida pelo governador Cel. César Cals, de que vai ser incentivada pelos governos Central e do Estado, e pelo I.B.C., a cultura do café na Serra de Baturité, é de se esperar, sem sombra de dúvida, de que a aprazível e pitoresca cidade de Guaramiranga, tão decantada no lirismo poético de Quintino Cunha, Experidião de Queiroz e Mário Linhares, retorne a seus áureos tempos, robustecida pela restauração da corrente turística de antanho. É oportuno lembrar como medida prioritária, neste tocante, a conclusão do Balneário Macapá. O mais virá depois, irrevogavelmente, porque Deus assim o quer.